

Novo esquema de créditos com o BIRD

*Ainda
ext*

por Celso Pinto
de Brasília

A terceira fase da renegociação da dívida externa brasileira começará a ficar mais clara a partir desta semana, com a viagem do ministro do Planejamento, Delfim Netto, e do presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, aos Estados Unidos. Pelo que apurou este jornal, as negociações com o Banco Mundial (BIRD) serão tão importantes quanto as conversas previstas com o FMI.

As questões estão interligadas. No pacote de negociações com o BIRD, principal motivo oficial da viagem, está embutida uma nova fórmula de empréstimo, o co-financiamento, com a participação dos bancos privados. Se o pacote deslançar — e isso depende de o BIRD aceitar uma mudança de rota na posição brasileira —, definirá parte do contorno da negociação do próximo ano, na forma e no custo.

Ao mesmo tempo, Delfim

e Pastore terão encontros com bancos privados e com o FMI. Não será um início formal da negociação, mas uma importante sondagem. O governo brasileiro está otimista sobre o que poderá conseguir, em termos de volume de recursos e custos, na próxima renegociação.

Por essa razão, há dúvidas internas no governo sobre as reais vantagens de se engajar num esquema de co-financiamento do BIRD, especialmente quanto às concessões que o Brasil poderia obter junto aos bancos, com ou sem a sociedade do Banco Mundial. Tudo isso terá de ficar claro nas discussões nos Estados Unidos.

Além dessa primeira definição do contorno da área externa, há um contencioso interno a ser discutido com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière. "A inflação será certamente um prato forte nas conversas", sugeriu a este jornal uma fonte bem informada. A numerosa equipe de assessores diretos de Delfim que irão aos Estados Unidos leva na bagagem armas para vários tipos de possíveis discussões com o FMI. Por exemplo: os dados necessários para eventual discussão sobre a revisão e ordenamento das tarifas de importação, que o Brasil havia prometido, na carta de intenções, realizar ainda no primeiro semestre e não cumpriu.

Delfim levará a Larosière bons números para o primeiro semestre, já que o Brasil cumpriu todos os "critérios de performance". Mas deverá ouvir reiteradas preocupações do FMI com a persistência inflacionária. Fontes com larga experiência de renegociação com o FMI apostam que essa preocupação provavelmente desaguará num pedido do FMI de mais rigor no controle monetário. O Brasil, ao con-

como acomodar todo esse volume de empréstimos, convertidos em cruzeiros, no figurino apertado do orçamento monetário de 1985.

Houve, contudo, desde então, fortes discussões internas, no governo, sobre as vantagens e desvantagens embutidas na idéia. Uma vantagem é a fixação de um teto para o custo dos juros dos bancos privados nesses empréstimos: se os juros passarem do limite, o custo é refinanciado pelo BIRD, a longo prazo e custo reduzido. Outra vantagem, mas esta a conferir, seria uma real redução no "spread" e nas comissões cobradas pelos bancos nesses créditos. Ainda não se sabe a disposição dos bancos a respeito, e há dúvidas sobre se, caso o Brasil barganhasse essas condições sem a parceria do BIRD, obteria maiores ou menores vantagens.

A principal dúvida, de toda forma, foi sobre o tipo de empréstimo. Qualquer crédito do BIRD envolve condicionalidades e rígida fiscalização. Um setor do governo passou a argumentar que, se o co-financiamento

(Continua na página 3)

trário, imagina elevar a meta para a expansão da moeda, fixada em 50%, para, pelo menos, cerca de 80%.

Com o BIRD, tanto quanto com o FMI, há questões importantes e delicadas em pauta. Quando seus técnicos vieram a Brasília para discutir a proposta do co-financiamento, há algumas semanas, previa-se que o esquema envolveria cerca de US\$ 2 bilhões num pacote de créditos para exportação de manufaturados. O Brasil trabalhou na idéia e esse foi o esquema básico acertado, apesar das dúvidas surgidas sobre

Novo esquema de...

24 JUL 1984

por Celso Pinto
de Brasília

(Continuação da 1ª página)

envolvesse créditos à exportação, as condicionalidades poderiam reduzir demasiado a margem de manobra da política econômica. Por esta razão, a Seplan passou a trabalhar num esquema alternativo: atrelar o cofinanciamento a projetos específicos, nas áreas siderúrgica e de energia elétrica. As condicionalidades também existem, mas já são amplamente conhecidas, pois o BIRD vem financiando, há anos, estes setores.

A mudança de planos, que só será explicada e discutida com o BIRD a partir de hoje, em Washington, justificou a ida de tantos assessores diretos de Delfim: Nelson Mortada, da Sest, José Milton Dallari, da SEAP, José Botafogo Gon-

çalves, da área internacional, e João Baptista de Abreu, secretário geral adjunto. Todos eles embarcaram ontem (segunda-feira). Também estarão em Washington o presidente da Siderbrás, Henrique Brandão Cavalcante, e o diretor financeiro da Eletrobrás, Masato Yokota.

Para as discussões com o FMI, Delfim contará também com a presença de seu secretário de Planejamento, José Augusto Arantes Savasini. Ele embarcará até o final desta semana, tão logo apresente os dados do semestre à chefe da divisão Atlântica do FMI, Ana Maria Jul, que está em Brasília. Delfim embarca hoje (terça) ou amanhã. Pastore deverá ir no final da semana, acompanhado de alguns assessores. As discussões decisivas com o BIRD começam na próxima segunda-feira.